

Vida eterna segundo São João

JOHAN KONINGS*

Este artigo não visa a uma análise completa e aprofundada do tema da vida eterna no Evangelho segundo João. Pretende simplesmente mostrar que, para o evangelista João, a vida eterna é «a vida» – e o que podemos compreender e aprender para nós hoje a partir dessa afirmação. Os textos, em João, que falam sobre «a vida», no sentido especial que aqui vamos expor, são muitos, mas limitar-nos-emos aos mais fundamentais.

1. Textos

«Vida» é um termo especialmente frequente no QE, mas preciso distinguir entre *biós* e *zoé*. *Biós* sugere um sentido mais amplo, quase cultural (existência, condição de vida), enquanto *zoé* evoca mais o sentido vital ou o modo de viver. Assim, o termo *zoé* é o que entra em consideração para o uso metafórico que se apresenta com grande frequência no quarto evangelho.

1.1. O dom do alto

Em alguns textos fundamentais a vida ou vida eterna é apresentada por João como o dom de Deus mediado por Jesus. Um primeiro texto importante se encontra no diálogo com Nicodemos:

* Professor Emérito da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte (Brasil).

3:14-16: ¹⁴ *E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado;* ¹⁵ *para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.* ¹⁶ *Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.*

O texto constitui a dobradiça entre o diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3:1-15) e a meditação que segue (3:16-21). Jesus acaba de falar da necessidade do novo nascimento do alto, isto é, o dom que vem do alto, de Deus, dom do Espírito assinalado pela água batismal. E este dom é revelado no mundo por aquele que é do alto, o mesmo que é elevado ao céu, Jesus Cristo. Essa elevação, ou exaltação, João a ilustra pela imagem da serpente elevada numa haste, no deserto, para preservar a vida do povo (cf. Nm 21:8-9). Por esta imagem, João antecipa o que ficará patente no fim de seu evangelho: o «enaltecimento» que é a morte de Jesus na cruz, por amor (cf. Jo 19:37). Aí está a «vida» de que trata a continuação do diálogo com Nicodemos, a meditação 3:16-21: Jesus como dom de amor do Pai para o mundo, ao qual Deus destina seu amor.

O mesmo tema volta no diálogo com a samaritana:

4:10-14: ¹⁰ *Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.*

¹¹ *Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva?* ¹² *És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?*

¹³ *Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede;* ¹⁴ *mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.*

Também aqui o contexto é batismal, como no diálogo com Nicodemos. Quando pediu água à samaritana, Jesus introduziu o pensamento da água física. Mas logo, tendo suscitado a admiração da mulher pelo fato de um varão israelita pedir-lhe água, Jesus eleva a conversa ao nível simbólico e começa a falar da água que significa a vida, a «água viva». Esta expressão é ambígua, porque, à primeira vista, parece significar água corrente, água de fonte, e é assim que a mulher entende. Então, Jesus revela o sentido do simbolismo: ele está falando da vida eterna que provém do dom que ele mesmo encarna e que jorra sem cessar, tornando-se fonte de vida eterna em quem a recebe.

Em João 6:31-48, pensamento semelhante é elaborado em relação com o tema do pão. Depois da refeição de cinco mil pessoas, os chefes judeus de Cafarnaum pedem que Jesus lhes exiba um sinal de sua autoridade profética, assim como Moisés lhes deu «pão do céu a comer». Jesus retruca que não foi Moisés que, no passado, deu pão do céu a comer; agora é o Pai que lhes dá o verdadeiro pão que desce do céu – e aquele que desce do céu é Jesus mesmo, pois ele dá a vida eterna e a ressurreição no último dia:

6:33-40: ³³ Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo.

³⁴ Disseram-lhe, pois: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

³⁵ E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. [...] ³⁸ Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. ³⁹ E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. ⁴⁰ Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Nos versículos seguintes, depois de anunciar que nele se realiza o ensinamento por Deus anunciado pelos Profetas (6,45), Jesus conclui seu ensinamento repetindo a mesma afirmação:

6:47-50: ⁴⁷ Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna. ⁴⁸ Eu sou o pão da vida. ⁴⁹ Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram.

⁵⁰ Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra.

Assim como, nos capítulos 3 e 4, a água sugeria o contexto batismal, aqui o pão indica o contexto da refeição eucarística. Isso é explicitado no fim do diálogo:

6:51-54: ⁵¹ Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo.

⁵² Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como nos pode dar este a sua carne a comer?

⁵³ Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. ⁵⁴ Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia.

No diálogo do fim do capítulo, quando muitos discípulos abandonam Jesus, volta o tema do pão da vida, presente em Jesus e em sua palavra:

6:6-69: ⁶⁷ Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?

⁶⁸ Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. ⁶⁹ E nós cremos e conhecemos firmemente que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente.

Guardemos, deste último versículo, a conexão com o «Deus vivente». A vida eterna tem a ver com aquilo que o próprio Deus é e manifesta em seu Filho que d'Ele provém. Vida eterna não é um prolongamento da vida humana, é de outra ordem, é vida de Deus.

1.2. As autorrevelações de Jesus como mediador da vida

A autorrevelação como pão da vida inicia uma série de sete autoproclamações metafóricas, pelas quais Jesus se dá a conhecer como o dom escatológico de Deus ao mundo. A primeira é a do pão da vida (Jo 6:35.41.51). Depois temos: a luz do mundo (8:12; 9:5), a porta das ovelhas (10:7.9), o verdadeiro pastor (10:11.14), a ressurreição e a vida (11:25), o caminho, a verdade e a vida (14:6), a videira verdadeira (15:1.5).

Em 8:12 e 9:5, Jesus se proclama «luz do mundo»:

8:12: ¹² *Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar  em trevas, mas terá a luz da vida.*

O contexto mostra claramente o que   o andar nas trevas:   a incredulidade que os fariseus lhe opõem (João projeta nos fariseus a resistência d  juda simo farisaico do seu tempo), o que   ilustrado pela cura do cego de nascença:

9:4-5: ⁴ *Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto   dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.* ⁵ *Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.*

Este texto deixa claro que Jesus não   a luz do mundo num espaço fora do mundo, como quer o gnosticismo, doutrina que pretende salvar o «iluminado» arrabatando-o para o espaço da luz imaterial. A luz que Jesus   e traz tem seu lugar dentro da realidade de nossa vida mundana, sem «arrebato».

No cap. 10, Jesus se proclama o pastor que conduz seu rebanho para lhe dar a vida eterna, e percebemos que esse dom se liga imediatamente ao dom de sua própria vida por nós.

10:10-30: ¹⁰ *O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.* ¹¹ *Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor d  a sua vida pelas ovelhas.* ¹² *Mas o mercenário, e o que não   pastor, de quem não são as ovelhas, v  vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatá e dispersa as ovelhas.* ¹³ *Ora, o mercenário foge, porque   mercenário, e não tem cuidado das ovelhas.* ¹⁴ *Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.* ¹⁵ *Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas. [...] ²⁷ As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; ²⁸ e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatar  da minha mão. ²⁹ Meu Pai, que mas deu,   maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. ³⁰ Eu e o Pai somos um.*

A vida que   eterna, e que ninguém pode roubar, vem do dom da própria vida que Jesus realiza em união radical com seu Pai. Jesus se contrapõe àqueles que ele compara com ladrões, que não passam por ele, a «porta», para chamar o rebanho (10:7-9). Compara-os ainda aos pastores inconfi veis, que são como

assalariados que não se importam com a vida das ovelhas porque não são da propriedade deles (10:12-23).

Na perícope de Lázaro, Jesus proclama ser a vida e a ressurreição:

11:25-26: ²⁴ Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia.

²⁵ Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; ²⁶ e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?

Esta proclamação já tinha sido preparada em João 5, onde a vida eterna é relacionada com o juízo e a ressurreição e revelada como já presente:

5:24-29: ²⁴ Na verdade, na verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida. ²⁵ Em verdade, em verdade vos digo: vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. ²⁶ Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo; ²⁷ e deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do Homem. ²⁸ Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. ²⁹ E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação.

Estes textos são fundamentais para perceber o que se chama a «escatologia presente» no evangelho de João: aquilo que se exprime na linguagem profética do juízo e da ressurreição, lembrados nos versículos 5:28-29, está presente desde já. A vida eterna se decide na opção da fé, que para João é inseparavelmente ligada à prática do amor fraterno, como veremos logo adiante.

Assim temos, no fim do «livro dos sinais» (Jo 1–12) uma primeira impressão daquilo que Jesus anuncia nos diálogos com o mundo: uma vida que é verdadeira, não falsa ou inautêntica, e também não passageira e fútil, destinada a se perder no esquecimento. Falando em termos de juízo e ressurreição – como se exprimiu a profecia de Daniel (Dn 12:1-2) –, Jesus trata da vida dos justos que Deus conserva, enquanto a vida dos ímpios se perde.

1.3. A vida que é Jesus

A ideia de mediação da vida por Jesus é ainda abstrata. Para ver o que isso significa no concreto, devemos seguir a indicação que Jesus mesmo dá: esse dom da vida está intimamente ligada à sua própria vida. Ele é essa vida, e a dá a nós. Na segunda parte do evangelho, nas palavras de Jesus aos seus íntimos durante a Ceia, quando ele não fala mais em figuras e enigmas (16:29), revela-se com maior clareza de que ele está falando:

14:6: ⁶ [...] *Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.*

Aqui, no contexto pascal da Ceia, Jesus recorda e reinterpreta o caminho do deserto, quando Deus enviou um anjo para preparar uma morada para seu povo. Jesus é este enviado que precede os seus rumo à morada junto do Pai, que depois mostrará ser a morada que o Pai e ele mesmo estabelecem em quem os ama (14:23). Aqui, a expressão «o caminho» herda o sentido de «prática de vida», que ela tem no Antigo Testamento, por exemplo, nos já citados salmos 1 e 119. Jesus se apresenta como a prática que conduz à «vida» no sentido específico que João sugere, e assim ele se mostra «verdadeiro», isto é, da qualidade de Deus. Ou melhor: dizendo-se «o Caminho», Jesus pode acrescentar que ele é «a Vida» e também a «Verdade», pois ambos estes termos indicam o procedimento da vida (como mostram os textos das cartas, por exemplo 3Jo 3). Em outros termos: Jesus apresenta seu próprio caminhar como o proceder na vida e na verdade que ele é em pessoa, e que nos conduz à presença de Deus que ele nos põe diante dos olhos.

Logo depois, a autoproclamação de Jesus como «verdadeira videira» completa este sentido, pois mostra que o Pai é a fonte da vida que Jesus é e nos dá. E mostra também como se realiza a apropriação dessa vida: pela fé, que é o permanecer em Jesus, unido a ele, a verdadeira videira; e pelos frutos, que são as obras do amor fraterno.

15:1-8: ¹ *Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. [...] ⁴ Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.[...] ⁵ Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.[...] ⁸ Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos.*

O apogeu da autorrevelação de Jesus como «a vida» que se torna presente em nós é sua morte na cruz. João sugere isso pela atestação excepcional inserida em 19:35. Do lado de Jesus saem os fluidos vitais, sangue e água. O leitor reconhece o sentido profundo daquilo que ele já havia lido antes, na homilia eucarística do cap. 6 (comer o corpo e beber o sangue de Jesus) e no cap. 7 (a água que sai do interior de Jesus e significa a efusão do Espírito, sacramentada no batismo). E assim percebemos aquilo que Jesus explicita nas palavras da despedida, a saber: que a participação de sua vida se dá com a assistência do Espírito que, com o dom de sua vida, ele nos deixa.

A «vida» ou «vida eterna», que Jesus torna presente, é a sua própria vida dada até o fim e apropriada por nós pela fé e pelo amor fraterno, que são sacramentados nos sinais da iniciação da fé viva, o batismo e a eucaristia. A vida verdadeira que, ao mesmo tempo, é vivida por nós na fé e na caridade e que

aponta para o «sem fim» do éon messiânico inaugurado por Jesus, é a vida de Jesus que assumimos em nós. Não por nada, a meditação eucarística do cap. 6 constitui o centro do primeiro painel do díptico joanino, o «livro dos sinais» (Jo 1-12), assim como a alegoria da videira é o centro das palavras de despedida de Jesus (Jo 13-17).

1.4. O Prólogo

Neste momento podemos voltar nossa atenção para a frase programática do prólogo:

1:4-5: ⁴ Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. ⁵ E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a dominaram.

Para início de conversa diga-se que algumas traduções mais clássicas lêem «as trevas não a compreenderam» (segundo o latim *comprehenderunt* do século IV), mas o sentido certo é «não a dominaram» (segundo o texto grego, com o verbo *katalambanein*, cf. 12:35). Dito isso, o que exige explicação mesmo é a frase do v. 4: no Verbo estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Devemos evitar ver nesta frase uma dependência do pensamento gnóstico, segundo a qual o Logos vem ao mundo para levar os homens fora do mundo material à esfera luminosa do Uno. É até possível que João esteja reagindo contra esse pensamento, que lhe era contemporâneo. O seu pensamento se refere à vida no sentido concreto do viver neste mundo entregue às trevas. Este viver está em Jesus, que é a luz do nosso caminho na vida; e apesar da aparência, as trevas da incredulidade não a venceram. Jesus, Palavra autocomunicativa de Deus, já ativa na criação, vive neste mundo a vida verdadeira; e isso é nossa luz da vida.

A 1ª Carta de João fala no mesmo sentido daquilo que contemplamos e apalpamos da Palavra da Vida – que é Jesus (1Jo 1,1-2).

Esta compreensão provoca necessariamente uma consideração do pano de fundo sobre o qual João projeta seu discurso.

2. Pano de fundo do histórico-literário

Visto que o evangelho de João se apresenta como um testemunho de primeira hora da obra de Jesus (19:35; cf. 21:4), devemos, apesar do ceticismo reinante quanto ao caráter histórico do quarto evangelho, perguntar se o modo de se apresentar como o mediador pelo qual Deus nos dá «a vida» talvez venha da pregação de Jesus.

Nos evangelhos sinópticos, considerados mais próximos do Jesus histórico, não faltam expressões que falam da vida ou da vida eterna como algo que se encaminha nesta vida terrena de quem segue o caminho indicado por Jesus.

Mt 7:14 fala do caminho que leva à vida (cf. Sl 1). Mt 18:8-9 (/ / Mc 9:43.45) opõe o entrar na vida ao ser lançado no inferno, segundo a representação judaica do juízo. Em Mt 19,16-17 (/ / Mc 10,37; Lc 18:18), o homem rico procura como conseguir a vida eterna, e Jesus responde falando de «entrar na vida». Na sequência, Jesus fala da vida eterna como retribuição aos que abandonam seus bens nesta vida (19:29; / / Mc 10:30; Lc 18:30). E conhecidíssima é a parábola do juízo (Mt 25:31-45), que apresenta como critério da vida ou da condenação eterna a caridade praticada, mesmo inconsciente de si, para com os pequeninos que Jesus chama irmãos seus. E mais um detalhe interessante: em sua versão do supremo ou único mandamento, Lucas deixa o escriba perguntar a Jesus (em termos semelhantes aos do homem rico): «*Mestre, que farei para herdar a vida eterna?*» (10:25). A resposta é o amor a Deus e ao próximo, na plena gratuidade que é ilustrada pela parábola do bom samaritano.

Mantenhamos que a pregação de Jesus pôs diante dos olhos a participação no seu seguimento e a prática do amor a Deus e ao próximo como o caminho da vida (eterna), e isso é o «entrar no reino», que se inicia no proceder ético desde já.

Por outro lado, para a apreciação mais profunda dessa mensagem de Jesus é bom saber que ele não precisou procurá-la nos escritos de filósofos como Platão ou em círculos esotéricos como eram os essênios, os gnósticos etc. Influência helenística, no sentido de apropriação de temas helenístico-orientais por parte dos judeus de Alexandria, percebe-se no romance intertestamentário de José e Asenete, que fala do pão da vida (VIII:5). Também outras semelhanças podem ser alegadas, mas Jesus não dependia delas. Claro, os evangelistas, e sobretudo João, respiravam o ar do judaísmo helenístico, testemunhado pelos escritos intertestamentários e mesmo do gnosticismo incipiente, mas não é aí que se encontra a raiz do pensamento que estamos a deslindar.

Jesus conheceu o tema da vida eterna no quadro de sua educação judaica comum, provavelmente farisaica, mas, em razão de sua experiência única e incomparável de Deus, «reformatou»-o de maneira absolutamente original. Pois para os judeus piedosos a própria *torah* era o pão da vida, e observá-la era o caminho da vida, segundo o programática Salmo 1 e o elogio da lei no Sl 119, entre outros.

A lembrança da tradição judaica e a reformatação joanina aparecem claramente no cap. 6, o sermão ou homilia do pão da vida. O que, de acordo com o desafio dos judeus de Cafarnaum, devia ser um sinal de autoridade profética à maneira de Moisés, transforma-se numa revelação que é ao mesmo tempo cristológica e escatológica, caracterizada como o ensinamento escatológico de

Deus (cf. Is 54:13), referência implícita à nova Aliança, a *torah* inscrita no coração, evocada por Jeremias (Jr 31:31-34). De passagem, observe-se que toda a cristologia bíblica é escatológica, porque o Cristo ou Messias é escatológico.

A tradução de *zoé aiônios*, «vida eterna» nos faz perceber melhor ainda que não se trata de algo platônico e sim, de algo messiânico. A tradução não deveria soar «vida eterna» e sim, literalmente, «vida do éon», e esse éon é o éon messiânico, tão ricamente descrito no fim do Apocalipse de João, releitura cristã dos últimos capítulos de Isaías. Não se trata de uma eternidade matemática como prolongamento indefinido da vida terrena – quem está terminando sua vida na solidão da velhice ou em estado de doença degenerativa não deve desejar tal prolongamento... Trata-se de uma realidade nova, novos céus e nova terra, na qual se entra escolhendo um rumo condizente para a vida entre as opções vitais de hoje.

3. Compreensão no horizonte atual

Vivemos numa cultura empírico-materialista, quer seja de direita (prevalência do domínio do capital econômico) ou de esquerda (prevalência dos produtores/destinatários do bem-estar social). Entretanto, estamos sempre mais conscientes da estreiteza desse horizonte. Não mostra o último sentido de nossa existência. Nem mesmo a preocupação com o futuro do habitat humano, que inspira o movimento ecológico, por mais nobre e necessária que seja, preenche o horizonte que os olhos inquietos do nosso coração procuram sobreolhar.

A pergunta do além, tão presente na cristandade que está por expirar, ou é escondida com vergonha, ou desviada em histerias como as que acompanharam, faz pouco tempo, o fim do calendário maia... O além virou objeto de curiosidade. Não poucos cristãos dizem, como os filósofos antigos: amanhã não seremos mais, com a morte tudo acaba. Aceita-se, talvez, um humanismo ético de inspiração cristã, mas cujo horizonte se limita ao empírico-material. Secularizado, como se diz.

E com este termo entramos no cerne da questão, *the hearth of the matter*. Século, no sentido cultural, significa o tempo-espço, a mesma coisa que o éon de que falamos. Certamente devemos levar a sério *nosso* século, *nosso* éon. Mas com que razão reduzimos tudo a ele? Só porque nossa percepção não consegue confirmar empiricamente nada que o ultrapasse? Não existe já um outro éon, um outro tempo-espço ao qual podemos pertencer desde já, escolhendo, precisamente, o caminho que é a vida do Nazareno? Pois é isso que seu discípulo, o evangelista João, nos propõe.

A «escatologia presente» do quarto evangelho é o anúncio da presença do éon infinito no século finito que nossa cultura tão exclusivamente cultiva. E essa presença tem um nome historicamente situado em nosso século: Jesus de

Nazaré, morto na cruz diante dos olhos daquele que o testemunha (Jo 19:35). Segui-lo, vivendo no seu Espírito, é viver o *seu* éon – messiânico, escatológico, último. É o «ámen» que respondemos à Palavra que ele é e que supera o *éon houtos*, o presente século, pois o precede como palavra de amor, dirigida a nós fora do tempo da existência do mundo. Nosso «ámen», que significa «creio», confunde-se com a Última Palavra.

Observemos, pois, que se torna irrelevante a distinção dualista entre matéria e espírito, corpo e alma. A Palavra da Vida que apalpamos é Jesus Cristo vindo na carne (Jo 1:14; 1Jo 1:1-2). João não o descreve em especulações gnósticas, que poderia ter colhido dos seus contemporâneos judeo-helenistas, mas em forma de um relato autóptico do agir de Jesus «na carne» (cf. 1Jo 4:2). Sobretudo, na hora de sua morte, na qual ele é mais carne que nunca. E é nessa morte que ele surge como luz da vida.

A vida do éon que supera o nosso surge como luz no gesto de amor até o fim – *tetelesthai* (Jo 19:30) – do revelador de Deus, que nossa fé reconhece como opção de vida. E seu brilho chama-se ressurreição, novos céus, nova terra, em que Deus desde já enxuga as lágrimas pelo amor de sua Palavra que vive e age em nós.

«Viver é perigoso», repete Riobaldo no romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa – pode-se morrer! Mas de viver a Vida que Jesus nos oferece não se morre.